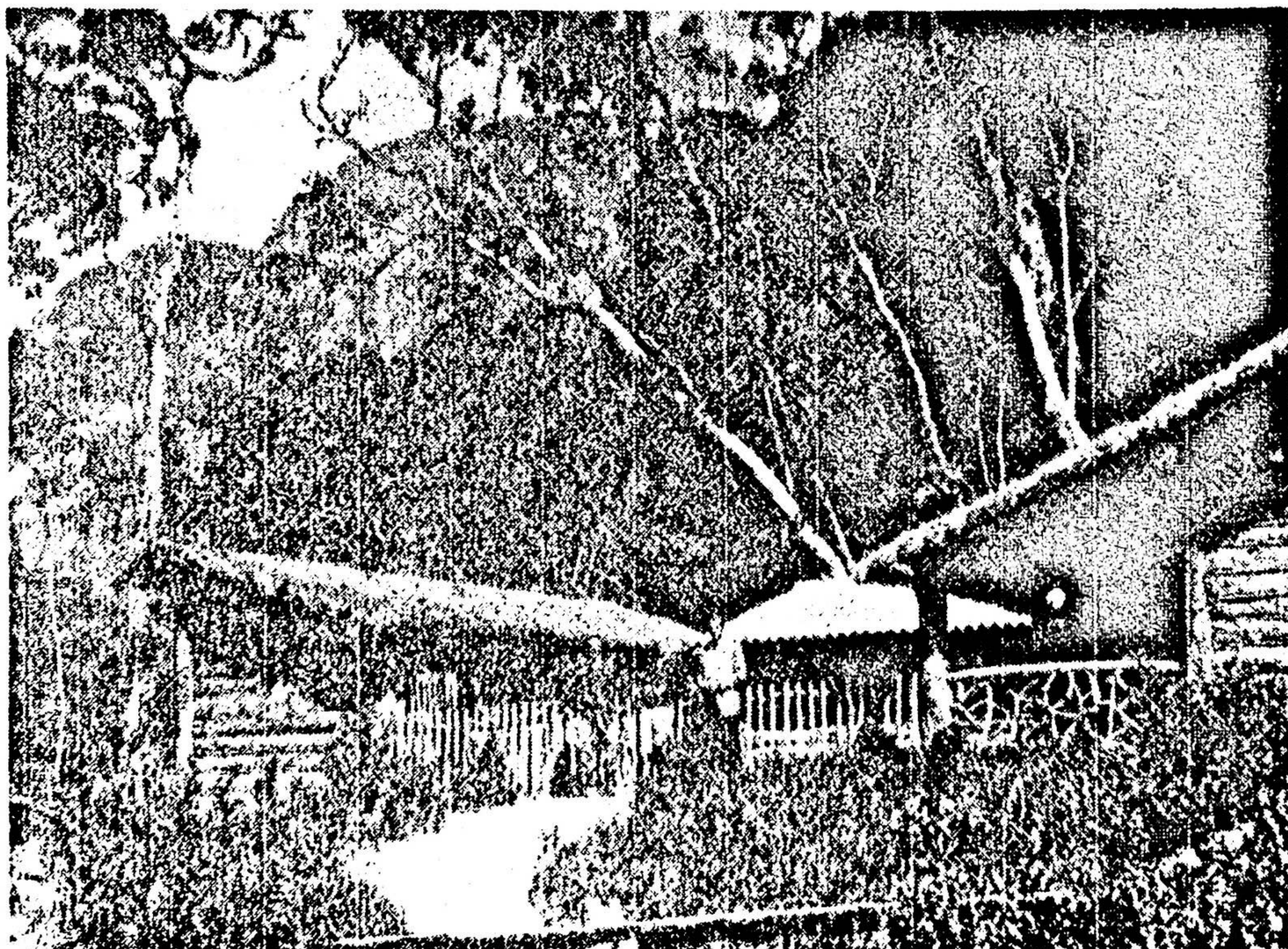




Centro Excursionista Rio de Janeiro

BOLETIM INFORMATIVO DO CERJ
ANO 62 OUTUBRO E NOVEMBRO NÚMERO 557

2001



EDITORIAL**CERJ : MONTANHISMO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

O CERJ sempre desempenhou no decorrer de sua história papel importante na formação do montanhista e no seu despertar para uma consciência ecológica, mesmo em época na qual a ênfase a esse aspecto da formação era bem menor por parte de grupos praticantes de atividades ligadas à natureza. Temos convicção de que esta formação não ocorre num salto e sim em praticamente uma vida dedicada à sua prática. Porém, apesar dessas considerações, vale ressaltar a contribuição que os Cursos Básicos de Montanhismo têm dado à formação daqueles que estão dando os primeiros passos em direção às montanhas. E uma vez concluído o curso, o aluno terá adquirido a informação básica e necessária - e que ainda falta a uma grande parcela da população - para uma conduta ética e tecnicamente correta na montanha e perante a natureza. E como há casos em que o aluno busca outros caminhos após o final do curso, isto faz com que o CERJ também dê relevante contribuição à sociedade no que se refere à educação ambiental.

Por reconhecer sua importância, a diretoria técnica do CERJ procura sempre aprimorar os CBMs a cada ano, procurando tratar com rigor aspectos considerados essenciais para uma boa formação, tais como: **SEGURANÇA E ÉTICA DE MONTANHA**. E esses resultados somente são alcançados devido a seriedade e dedicação voluntária de seus instrutores, o que faz com que seus alunos terminem o curso não raramente motivados em dar continuidade a prática do montanhismo, como também, tomados pelo sentimento de que o CERJ não foi somente uma escola, e sim mais do que isso, uma grande família que está sempre aberta àqueles a qual desejam se unir e compartilhar momentos inesquecíveis em contato com a natureza.

Àqueles que estão chegando cabe esclarecer que apesar de todo trabalho voluntário por parte de diretores e instrutores, a cobrança que há algum tempo se faz pelo ingresso nos CBMs visa somente à manutenção de nossa sede e renovação de nosso material técnico, uma vez que, como todos sabemos, em função de fatores de ordem econômica, custos de maneira geral têm aumentado muito nos últimos anos. Para os que se preocupam com a manutenção de uma tradição e eventualmente criticam tal posição, afirmamos com certeza que o sentimento altruísta de outrora não foi perdido, e sim realizada adaptações perante um contexto sócio-econômico, que também interfere na vida do CERJ, como em toda a sociedade. Assim, o que não pode ser apagada dos corações cerjenses é a utopia que alimenta nossos sonhos em prol de condições cada vez melhores de existência, sem utopismos que freqüentemente baseados numa realidade pessoal, não permitiria atravessar com a necessária segurança e serenidade os obstáculos que a atualidade oferece.

*A diretoria***EXPEDIENTE****DIRETORIA**

PRESIDENTE: *Everaldo* Matos de Souza
VICE-PRESIDENTE: José Carlos *Muniz*
SECRETÁRIO: José de Oliveira Barros (*Zé*)
1º TESOUREIRO: *Arnaldo* Menezes
2º TESOUREIRO: *Irlon* da Silveira Melo
DIRETOR TÉCNICO: *Marlo* Richard
SUPERVISOR TÉCNICO: Marcelo *Maricá*
DIRETORA SOCIAL: *Claudia* Vianna
DIRETOR DE ECOLOGIA: *Salomyth* Fernandes e *Paulo* *Maurício* Ballado
DIRETOR DE DIVULGAÇÃO: M. *Rothier* e Luiz *Puppín*

BOLETIM INFORMATIVO DO CERJ

DIRETOR RESPONSÁVEL: M. *Rothier* e Luiz *Puppín*

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: *Everaldo*, Jean Pierre, José Ivan, Mário, *Rothier*, *Salomyth* e *Zé*.

TIRAGEM: 300 exemplares

**OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO NECESSARIAMENTE REPRESENTAM A POSIÇÃO DA ENTIDADE
 É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS ARTIGOS, DESDE QUE MENCIONADA A FONTE**

**CONSELHO
 DELIBERATIVO**

PRESIDENTE:
Eduardo Marcel Ribeiro

**ASSEMBLÉIA
 GERAL**

PRESIDENTE:
Eduardo Marcel Ribeiro

**CONSELHO
 FISCAL**

MEMBROS EFETIVOS:

Jorge Tardan
José Bezerra Garrido
Myrlam Garrido

Capa

Eis o Dr. Gil Sobral Pinto, entre ilustres excursionistas no já famoso Abrigo nº 2. A 1.650 metros de altitude, encontramos neste abrigo modelo descaso para o corpo e para o espírito, graças ao seu conforto e à visão paradisíaca que embriaga nossos olhos.

Foto publicada no boletim no 108, de janeiro de 1948.

NOTÍCIAS DO CERJ

Aquisições do DT

O CERJ adquiriu:

- o uma corda.
- o 50 grampos de 13mm (do Chiquinho de Petrópolis),
- o 1 corda dinâmica da ROCA com 50m e 10.5mm,
- o 2 talhadeiras de 13mm e 1 punho,
- o 1 boudrier.

Agradecimentos

O CERJ agradece:

- o a Jean Pierre von der Weid e José Ivan Calou F^o pela recuperação da via Leste do Pico Maior de Friburgo. a Jana pela doação de fitas expressas e tubulares.
- o ao Sandoval pela doação do livro "Representações do lúdico - Ciclo de Debates Lazer e Motricidade". O livro tem um texto do Sandoval cujo o tema é "Corpo, Lazer, Natureza: elementos para uma discussão ética".
- o ao André Ilha pela palestra e projeção de slides "Monte Roraima: Trilhas Tradicionais - Paisagens Alucinantes". Foi um sucesso.

Agradável surpresa

No dia 11 de outubro a Cida novamente achou um tempinho para aparecer no CERJ. O papo foi agradável e durou até tarde.

Calendário anual de festas do CERJ

A diretoria do CERJ em reunião no dia 23 de outubro propoz o seguinte calendário anual de festas para o CERJ:

1^o — Festa de aniversário do "CERJ", a se realizar no final de semana mais próximo ao dia 20 de janeiro, data de fundação da entidade;

2^o - "Festa de Outono", a realizar-se imediatamente após a abertura oficial de temporada do Rio de Janeiro;

3^o - "Festa de Inverno ou Julina", no mês de julho;

4^o - "Festa da Primavera", no mês de setembro; e encerrando o ano;

5^o - "Festa de Natal", em dezembro é claro.



Queijos, vinhos e ... chocolate

Apesar da festa deste ano (29 de setembro) não ter tido tantos cerjenses (apenas 28) quanto nos anos anteriores, o evento foi um sucesso. A chuva insistente e o frio (não muito) não impediram que Myrian Garrido desfilasse com sua bota Chantwag (alemã) retirada do seu baú arqueológico, que Celso, Ricardo e outros boêmios varassem a noite dançando e cantando, e que alguns corajosos se aventurassem num banho de cachoeira.

Wal, Eliane e Mário preocupados com o gasto de energia em tantas atividades providenciaram para que não faltassem queijos, vinhos (muitos vinhos) e chocolate.

Myrian e Eliane

O CERJ na Internet

Se você ainda não teve a oportunidade de consultar a página do CERJ na Internet, experimente! Existem atualmente várias informações disponíveis, por exemplo, no botão BOLETIM você encontra uma amostra do próximo boletim assim como alguns boletins já editados.

Como exemplo, é possível que você não saiba quem foi Gil Sobral Pinto. Ele fez um discurso na sede do CERJ que foi publicado no boletim 108 de 1948. O texto está disponível na página do CERJ. Basta clicar em BOLETIM e escolher o de número 108.

Já se estiver interessado no que vai sair no próximo boletim, leia o relato do Zé, A Cabeça do Dragão", sobre a última excursão do CBM realizada em 02 de novembro último.

Você está com as mensalidades em dia?

E você associado do CERJ, está com a mensalidade em dia? Sua colaboração é muito importante, somente com ela poderemos continuar a manter o nosso CERJ.

MANUTENÇÃO DE VIAS DE ESCALADA

Recuperação da via Leste do Pico Maior de Friburgo

A via Leste do Pico Maior de Friburgo foi, desde a sua conquista em 1974 por Walde-
mar Ferreira Guimarães (Waldo), Waldinar
Santos de Menezes (Vavá), José Bezerra
Garrido e Guilherme Ribeiro, uma via símbolo
da escalada de alto nível no Brasil. Apesar de
sua dificuldade moderada, a beleza da via e
o compromisso com o nível do escalador
marcaram o seu estilo, representativo de uma
época fértil do montanhismo brasileiro. As
vias que posteriormente foram abertas nos
Três Picos e no Capacete tiveram a Leste
como modelo de grampeação. Tomou-se
conhecida até os dias de hoje a "grampeação
tipo Salinas", referência de um estilo brasilei-
ríssimo de escalar. Eu (Jean) fui um dos que
fizeram a primeira repetição, logo depois da
conquista e ainda no tempo das botas rígi-
das. Com o passar do tempo a Leste foi alte-
rada inúmeras vezes, recebendo um grande
quantidade de grampos intermediários em
seus lances de maior desenvoltura. Esta
prática vem sendo comum nos últimos anos,
e com ela várias vias perderam completa-
mente suas características originais.

Dando continuidade a um movimento de
recuperação que teve início com a restaura-
ção do K2, no Corcovado, propusemos a
recuperação da via Leste, como um ícone
que é da grande escalada no Brasil. Consul-
tamos os conquistadores e o clube responsá-
vel e todos foram unânimes da necessidade
e oportunidade de se levar adiante o projeto.
Tomamos portanto a decisão de recuperar a
grampeação original no dia 8 de setembro,
retirando os grampos em excesso ali planta-
dos ao longo dos anos.

Iniciamos a escalada ao alvorecer e fo-
mos seguindo a grampeação original, pu-
lando os grampos em excesso e intermediá-
rios. Respeitando a recomendação dos con-
quistadores, mantivemos os grampos que
foram colocados ao lado dos grampos origi-
nais de 3/8", formando as paradas duplas. O
segundo da cordada vinha então arrancando
ou cortando os grampos e chapeletas que
estavam em excesso. Desta forma, foram
retirados um total de 11 grampos dos quais 2
na 2ª enfiada, 1 na 5ª, 1 na 7ª, 1 na 8ª, 1 na

10ª, 2 na 12ª, 2 na 13ª e 1 na 14ª. Os gram-
pos originais, projetados e fabricados pelo
Pellegromni em aço 3/8", estão em perfeito
estado, alguns ainda com a cobertura original
de zarcão. Nada de ferrugem, apenas a leve
oxidação natural da superfície. O grau de
exposição da via manteve-se em E3, não
sendo necessária a colocação de proteções
móveis.

Foi mantido um grampo na variante da
13ª enfiada, conquistada pelo Leonardo Alva-
res, situado num platô entre as paradas P12
e P13. Este grampo, além de proteger o
lance final da variante, permite um rappel
direto até a parada P11, mais confortável do
que P12. A chapeleta original desta variante,
localizada ao lado do grampo, bem como um
grampo de intermediação colocado poste-
riormente foram retirados. Embora as duas
últimas paradas duplas (P16 e P17) não cor-
respondam à grampeação original, elas per-
mitem assegurar a descida em rappel com
conforto e segurança, sem contudo descar-
acterizar os lances originais. Considerando
que é grande o número de frequentadores
que escalam o Pico Maior pela primeira vez
pela Leste, sem nenhum conhecimento de
qualquer outra via passível de descida, a
manutenção destas paradas se justifica. Uma
seqüência de paradas em rappel com duas
cordas de 50m é: P17-P16-P14-R1-P11-P10-
P9-P8-P7-R2-R3-P3-P2-P1 e base, totali-
zando 14 descidas. Com cordas de 60 m
pode-se descer de P3 a P1, economizando
uma descida.

Embora tenha sido uma escalada "de
trabalho", ela foi motivada pelo desejo de
rever a Leste no estilo original da conquista.
Grande foi o prazer de realizá-la com tranqui-
lidade e num ritmo agradável, apesar do
tempo necessário à retirada dos grampos.
Verificamos também que uma outra via, re-
cém conquistada, passa extremamente perto
da Leste e da Décadence avec Elegance,
superpondo-se mesmo em alguns lances
com seus grampos e chapeletas. É uma pena
que um terreno de escaladas como a região
dos Três Picos esteja sofrendo esta sobre-
carga de vias, grampos e chapeletas, já visí-
veis à distância.

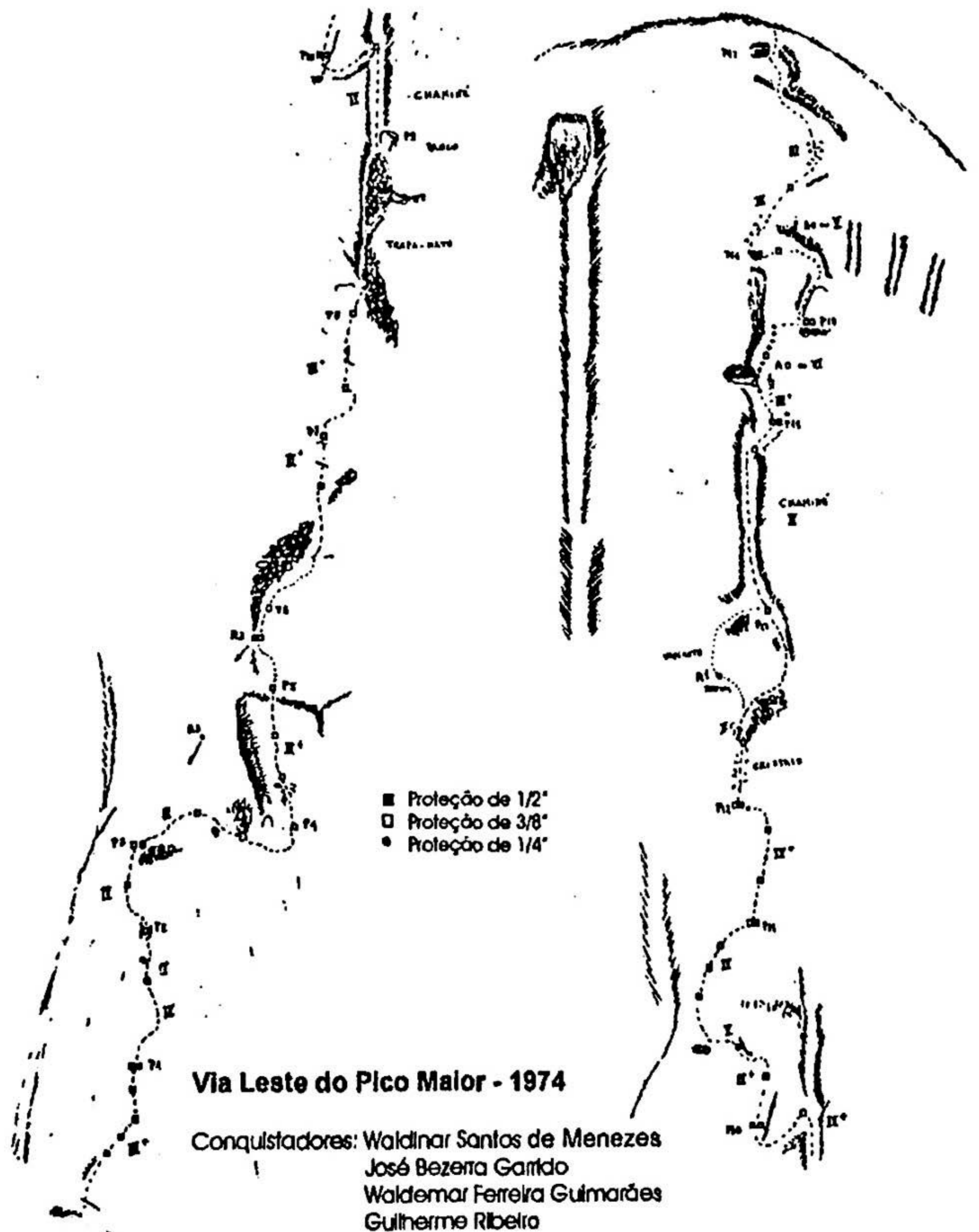
Chegamos ao cume às duas e meia, num dia maravilhoso e ensolarado. A descida foi feita pela via Sílvio Mendes, numa seqüência de rapéis que duraram pouco mais de uma hora. Foi entretanto uma surpresa ver a descaracterização total desta via, tal o número de grampos que recebeu. Esta escalada foi outro marco de ousadia no montanhismo brasileiro, conquistada com os recursos primitivos de mais de cinco décadas atrás. Antes da conquista da Leste ela era a única via de acesso ao Pico Maior, técnica e exigente mesmo com os seus cabos de aço. A evolução do esporte permite hoje que esta via seja realizada em escalada livre, o que faria dela uma das vias mais elegantes e difíceis do

Pico Maior. O que vimos foi um total retrocesso na técnica, com a substituição pura e simples do cabo de aço por um artificial fixo com dezenas e dezenas de grampos de 1/2", plantados no meio de lances perfeitamente realizáveis em escalada livre. Estragou-se o trabalho histórico e perdeu-se o estilo da conquista. Estamos certos que Sílvio Mendes não faria hoje o que fizeram com sua via.

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 2001

Jean Pierre von der Weid

José Ivan Calou Fo



Croquis atualizado em 10/09/01 por Jean Pierre von der Weid

RELATOS DE EXCURSÕES

Costão 2001

Pão de Açúcar, 11 de janeiro de 2001

Hoje subimos o Costão do Pão de Açúcar, numa excursão do guia Puppín com um grupo de 30 pessoas sendo que a maioria dos participantes era do CERJ, mas havia também alguns do LIGTH e outros sem clube. Além do Puppín outros guias participaram da excursão: o Waldecy, a Jana, a Rosângela, o Chiarelli e eu (Zé).

A turma acabou se dividindo em 3 grupos, sendo que o primeiro grupo que iniciou a caminhada às 18:30h era o maior, deixando para trás a Jana e o Waldecy que esperavam respectivamente o Chiarelli com a Rosângela e a Sandra, e as mineirinhas.

Este primeiro grupo que a princípio se dividiria indo parte pela Escadinha do Jacó e o restante pelo Mirante Leste, por fim resolveu seguir uno pela Escadinha, e apesar da presença de alguns debutantes neste caminho, todos se portaram muito bem e a maioria nem precisou do apoio da corda que fixamos para ajudar a vencer este trecho.

Quando a turma se reagrupou no pequeno platô acima da escadinha, já acrescido do Waldecy, o grupo da Jana já estava no Mirante Leste, e finalmente na base do trepa pedra do costão o grande grupo se reuniu todo pela primeira vez.

No trepa pedra tivemos que aturar um belo dum engarrafamento, pois quando iniciamos a subida, havia um outro grupo terminando-a, e logo no início da ascensão da nossa turma, instalamos 3 cordas cada uma munida de baudrier e mosquetão de rosca,

um grupo enorme de jovens simplesmente nos atropelou, o que gerou uma reação enérgica da Jana que a rapaziada absorveu numa boa, gerando no máximo alguns comentários bem humorados, porém respeitosos, da parte de alguns sobre a bronca da nossa querida "Sargento".

No pequeno platô no topo do trepa pedra nosso grupo mais uma vez se dividiu em 3, pois por causa do pouco espaço do local e pelo fato de já estar escurecendo, assim que o hall ficava cheio, um guia seguia adiante com aquela parcela da turma para abrir espaço para os demais.

A turma se reuniu mais uma vez no mirante acima do São Bento, onde esperava presenciar o nascer da Lua que está cheia, aliás, este espetáculo foi uma promessa do nosso grande guia Puppín. Ledo engano, fomos todos vítimas de propaganda enganosa, e não foi só esta não, ele também havia prometido que chegando ao cume do Pão de Açúcar, aquela cervejinha bem gelada estaria à nossa espera, outra desilusão, já estava tudo fechado e nada de loura gelada. Quando a lua finalmente deu as caras, já estávamos no Laguna saboreando um chopinho no ponto. Mas o Puppín não perde por esperar, a turma vai voltar a se reunir para entrar com uma ação reparadora junto ao Procom reclamando indenização pela propaganda enganosa difundida na comunidade de montanhista do CERJ e outros, pelo referido guia...

Valeu turma !!!

José de Oliveira Barros (Zé)

HISTÓRIA DO MONTANHISMO

Caminho das Orquídeas - O Porque?

De repente, no ardor da luta desenfreada para desbravar o "Caminho das Orquídeas" contra um taquaral infernal (fechado mesmo!) que foi vencido com folça e facões de mato, durante quase três horas, para depararmos numa clareira com árvores copadas perto de uma Pedra de bom tamanho, coberta de musgo (batizada como Pedra do Tapete) da qual pendia uma Imensidade de orquídeas. Paramos e sentamos para reverenciar em silêncio aquela inigualável maravilha, tanta beleza que nos fez sentir uns invasores miseráveis daquele santuário divino. Belja-flores que saltitavam, zuniam

com suas asas vibrantes no afã de se alimentar do néctar das flores.

Bem que a natureza lutou para preservar este santuário, com aquele emaranhado de taquarais, que foi vencido, e mais tarde, infelizmente, destruído pelos vândalos caçadores de orquídeas, quando souberam pelo noticiário.

A princípio, pensávamos em batizar com o nome de Caminho Rondon, em homenagem ao grande brasileiro Marechal Rondon, o último bandeirante que desbravou o oeste do Brasil, demarcando a

fronteira do Brasil com a Bolívia, local denominado território Guaporé, que passou a denominar-se Rondônia em 1958. Entretanto, devido ao fato citado acima, achamos mais poético e lindo o nome de Caminho das Orquídeas.

Tudo começou com a conquista da Agulha do Diabo por Giuseppe Toselli, Almy Ulisséa e outros em 29/06/1941. Três anos antes, na década de 30, Gunther Bucheister, Almy Ulisséa e Toselli lutaram por um caminho que os levassem a base do Penhasco Fantasma (como era conhecido na época) mudando de nome após a conquista para chamar-se Agulha do Diabo.

Começaram a exploração pelos vales do Santo Antônio e São João. Conseguiram, enfim, após muita exploração, chegar ao colo do Mirante. Daí desceram até chegar à base da Agulha. O caminho tornou-se oficial para quem quisesse escalar a Agulha. Com o pernoite, teria que acampar no Vale São João. Penoso isto era, não existia na época materiais adequados à montanha. Tudo era refugo do exército: barraca de campanha lona (sem piso), mochila, cantil, botas (não adequadas para montanha), cintos, etc. Tudo isto transportado nas costas, além das duas cordas de sisal (de 1/2 polegada) de 30 metros cada, e mais, fogareiro com combustível, lanternas de carbureto (usadas pelos minelros) e alimentação para dois dias. Era "dose para leão".

Quando chovia, a excursão transformava-se num verdadeiro inferno e frustração no Vale São João. Além de não fazermos a montanha, tínhamos que transportar tudo de volta no dia seguinte, pesando o dobro.

Daí partimos para estudar uma alternativa. Subiríamos a Pedra do Sino, na qual existia o antigo abrigo 4 (hoje temos um novo) e exploraríamos uma descida via São Pedro para o

Mirante do Inferno. Um pouco antes da década de 60 conseguimos eu, Minchetti e Henry Ochioni realizar o nosso objetivo, após a colocação de 2 grampos de descida de São Pedro para o mirante, daí para a Agulha e voltar pelo mesmo caminho. Foi o maior conforto, além de não carregarmos barracas (porque existia o abrigo 4) não sofreríamos tanto, porque se chovesse, existia a alternativa de não frustrar a excursão, pois tínhamos a Pedra do Sino ou o São Pedro.

Descendo de São Pedro pela parede em direção ao Mirante, passando pelo "colo" (entre o Mirante e o São João) pode-se ir direto escalando a Pedra de São João (via C.E.C), pois colocamos um grampo para facilitar a descida (rappel).

Pedra do São João

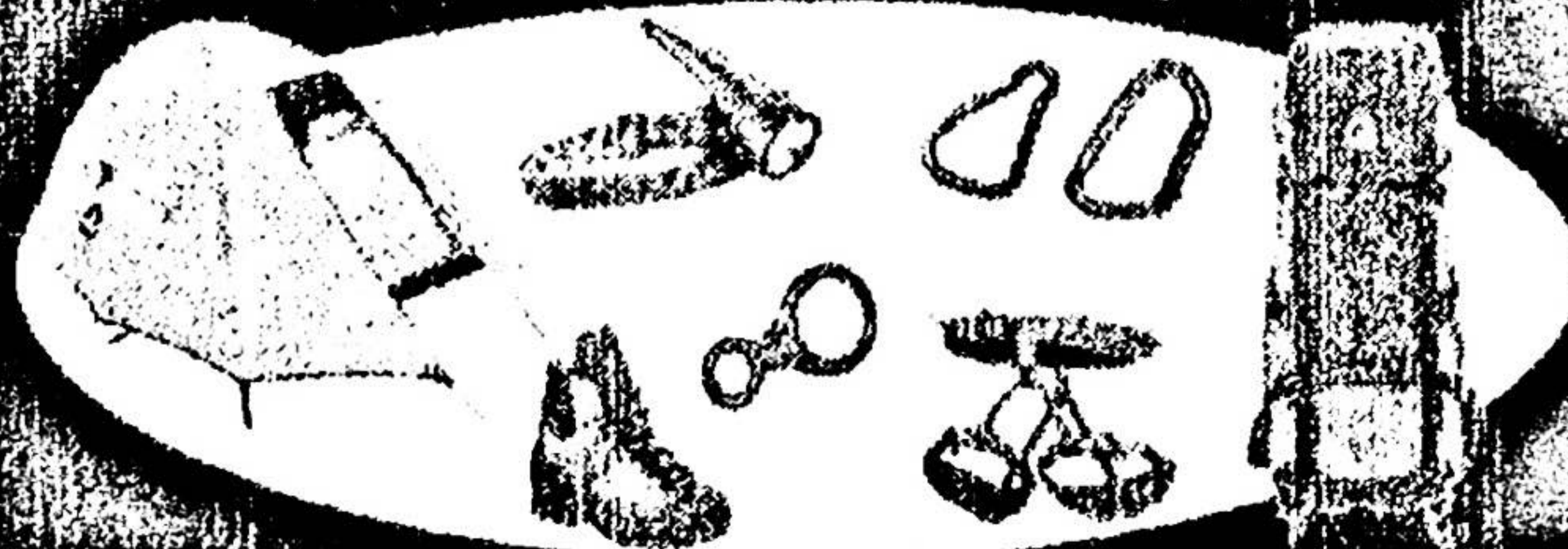
Foi conquistada pelo C.E.B. quando na exploração do Caminho para a Agulha, partindo do Vale São João. Para ir até o topo, subia-se por uma chaminé (C.E.B.). Hoje este vale é Reserva Biológica, como também o Vale de Santo Antônio.

Na década de 60 com a destruição do antigo abrigo 4 por culpa do administrador do P.N.S.O., relapso (filho da ditadura militar que se instalou no nosso país por 20 anos, este militar fazia de tudo para impedir o acesso dos montanhistas às montanhas). Ainda na década de 60, a dificuldade continuou com a presença deste nefasto administrador, que além de destruir o abrigo 4, destruiu os abrigos 1 e 2, querendo também destruir o abrigo 3, quando houve o protesto e levante de todos os montanhistas que impediram que fosse destruído (infelizmente por pouco tempo).

Para ir-se à Agulha tínhamos que dormir no abrigo 3 (cota 2000), subir até a base da

**A MAIOR E MAIS EQUIPADA LOJA DE ESPORTES
DE AVENTURA DO RIO DE JANEIRO**

Sub&Sub
esportes de Aventura



**(21) 2509-1176
2221-2776**

www.subsub.com.br

Rua da Alfândega, 98 - subrelôja
(em cima da Autorizada Moturista)
Centro - Rio de Janeiro - RJ

MERGULHO CAÇA SUB TOTO SUB NATAÇÃO MONTANHISMO CAMPING ESCALADA RAPPEL ESPELEO

Pedra do Sino, ir à São Pedro, descer pelo paredão para o Mirante - colo - Agulha e vice-versa, até novamente ao abrigo 3.

Segunda alternativa - Curva Cota 2.000

Estudamos bem esta possibilidade: passando pela base do São Pedro em curva de nível alcançaríamos o Mirante. Seria mais suave e menos desgastante para se ir à Agulha.

A Exploração

Eu, Minchetti e Thiers descemos o paredão de São Pedro em rappel, em direção ao Mirante e, contornando a base do São Pedro, começamos abrindo a picada (pelo taquaral - verdadeira praga), até alcançarmos o riacho que vai formar mais adiante o famoso Rio Paquequer (consagrado pelo romancista José de Alencar - O Guarani), desbravamos um pouco mais além, encontramos uma parte plana (que limpamos), demos o nome de Acampamento Paquequer.

No dia seguinte dormimos no abrigo 3, e descemos a cota 2.000, atravessamos o riacho Assú e, entramos novamente no taquaral (agora no sentido inverso - cota 2.000 - São Pedro (em curva de nível) em direção ao Mirante do Inferno. Passamos pela Pedra do Tapete, onde encontramos as orquídeas e, daí para o encontro do riacho Paquequer. Em 05/09/1965 finalmente a conclusão do Caminho das Orquídeas. Congratulações mútuas, etc...

Neste caminho, (3º dia) que abrimos a

duras penas (tivemos que usar machados para cortar troncos de árvores mortas caídas) ganhamos uma linda chaminé - face leste - escondida na Pedra de São Pedro, que tratamos logo de escalar e colocar alguns grampos. Um ano após, voltamos, dormimos no local, acampamos no Paquequer, e concluímos esta linda chaminé que batizamos com o nome de Ricardo Cassin (homenagem ao grande alpinista italiano) em 10-09-1966.

Este caminho tornou-se o mais viável e o mais usado pelos montanhistas para quem quer escalar a Agulha do Diabo. Além do mais, pode-se ir ao São João ou São Pedro (pelo paredão ou Chaminé Cassin), ou então pode-se fazer também um circuito completo: Pedra do Sino, São Pedro, São João, cota 2.000, Pedra da Cruz, Caminho da Neblina, Queixo do Frade, Nariz do Frade e descendo para o antigo abrigo 2, caminho normal para a sede do P.N.S.O...

Enfim, sinto-me feliz por ter aberto O Caminho das Orquídeas, porque nós contribuímos para que todos os montanhistas tivessem um melhor acesso à Agulha do Diabo - a montanha do meu coração - onde tive alegrias e emoções das 37 vezes que eu a escalei e, as noites inesquecíveis que passei no seu platô.

Guardarei este sonho realizado dentro do fundo do meu coração para sempre.

Rio, 03/10/2001

Salomyth Fernandes

Geografia do PARNA Serra dos Órgãos

Contagem de Montanhas

Você algum dia já parou para pensar quantas montanhas existem no Parque Nacional da Serra dos Órgãos? Alguns dizem que são umas dez, outros dizem vinte, e alguns malucos chegam a afirmar que são trinta aproximadamente!

Num desses dias chuvosos e sem nada para fazer, resolvi exercitar a minha cabeça (milagrel) e botar no papel as montanhas que vinham na minha mente. Mais ou menos dividi o parque em setores (setor Soberbo lado Petrópolis, setor Soberbo lado Teresópolis, setor Bonfim, etc...). Veja no que deu.

Escalavrado
Dedo de Nossa Senhora
1º Dedinho
2º Dedinho
3º Dedinho
Dedo de Deus
Polegar
Cabeça de Peixe
Sto. Antônio Mirim
(Bandeira)
Santo Antônio
Três Marias
São João

Mirante do Inferno
Agulha do Diabo
Diabinho
Agulha da Neblina
São Pedro
Pedra do Sino
Papudo (Nariz)
Agulha Bonatti
Pedra da Cruz
Queixo do Frade
Nariz do Frade
Capucho do Frade
Mirante Simone

Morro da Pipoca
Pico do Jacob
Quebra-Frascos
Agulhinha Beija-Flor
Morro da Luva
Morro dos Marcos
Castelitos do Açú
Morro do Cubalo
Mamute (maior)
Mamute (menor)
Cavalo Branco
Agulha S. Joaquim
Garrafão

Cara de Cão
Portais de Hércules
Dinossauro
Castelões
Nariz da Freira
Coroa do Frade
Agulha da Coroa do Frade
Mukem (maior)
Mukem (menor)
Morro da Coruja
Duas Vertentes
Pico da Solidão
Pico do Eco

Morro do Açu (Castelos)
Bandeira (Isabeloca)

Alicate
Pico da Glória

Morro dos Quatis

Portanto deu cinquenta e seis cumes! Não inclui cumes que situam-se na periferia do parque, como exemplo, o Morro do André, Alcobaça, Hermitage, Carneiro, etc...

É evidente, que esta contagem pode crescer. Discussões sobre o assunto serão

O Vale Bonfim

... Olha só que interessante! É claro que você tem razão no que diz, mas, também o diz porque não conheceu o Vale do Bonfim há vinte ou trinta anos! Se o tivesse conhecido nesta época (nem era nascido!) consideraria o que resta hoje um absurdo! Ainda há verde, ainda há beleza, mas não se compara ao que já foi considerando-se um período historicamente desprezível. Quando estiver no Parna da próxima vez e vislumbrar o vale, as encostas, procure imaginar esta paisagem sem grande parte da estrada de terra, sem as plantações e com uma mata exuberante. A encosta do Queijo era uma floresta densa, a trilha acompanhava as curvas de nível e cruzava com árvores frondosas. Caminhávamos grande parte do trecho à sombra. Depois, pense num Ajax arborizado, aquela pedra (descanso) praticamente coberta pela vegetação - ela era um mirante, tínhamos que subir para avistarmos o vale! E a água era limpa! Tudo bem, não precisa acreditar, mas era limpa mesmo, tinha só um cimentinho para acumular e um caninho de ferro prá gente se servir. Era geladinha, deliciosa... Na subida do chapadão havia apenas uma trilha, e era fácil seguir porque cercava-se de vegetação. E por aí vai... O Vale das Antas, para se ter uma idéia, se puder imaginar, tinha uma clareira de dois ou três metros quadrados no máximo, onde cabia apenas uma barraca pequena ou duas apertadíssimas de cara uma para a outra. A vegetação era tão alta que as barracas não eram vistas a não ser há poucos metros, quando se chegava neste ponto. E víamos animais, não havia quem fizesse uma travessia e não contasse uma história de bichos!

Para vocês, contemporâneos só resta, realmente, a imaginação. O que eu espero, com sinceridade,

Cartas e emails

Queridos amigos montanhistas,

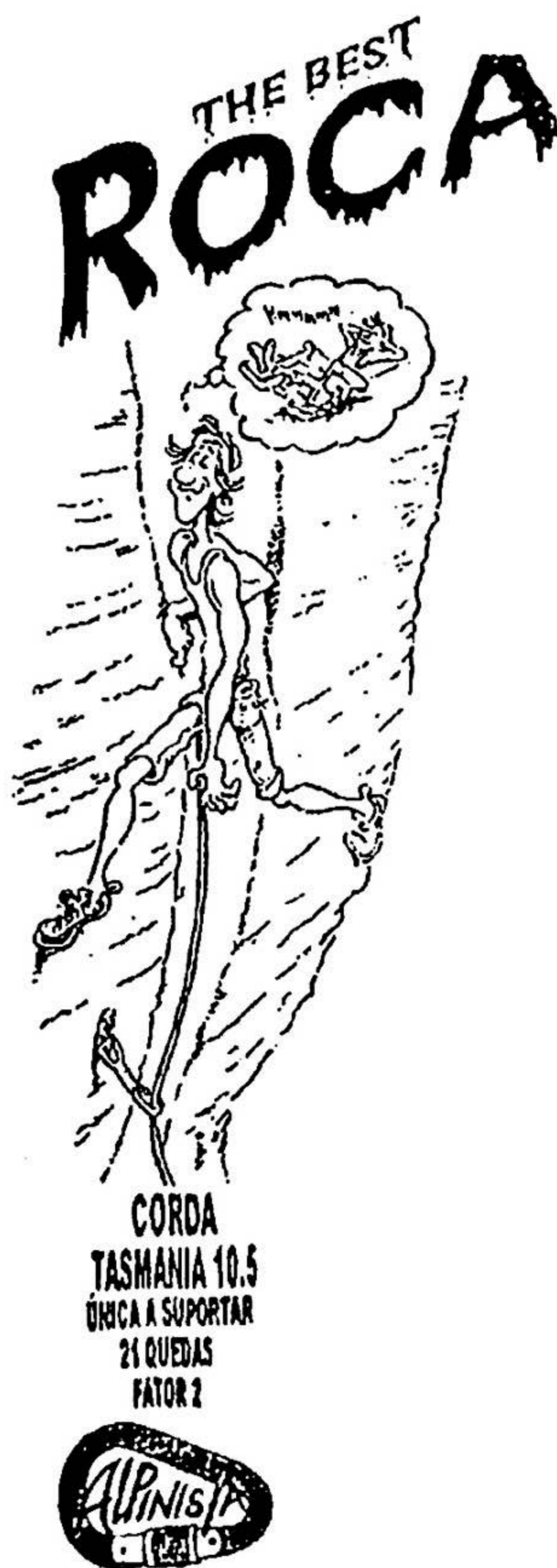
Já faz bastante tempo que não recebo o boletim do CERJ, e foi com imensa alegria que recebi hoje a tão esperada publicação. Toda vez que recebo o boletim, eu o leio como criança que come chocolate, devagarzinho, saboreando página por página, letra por letra. É que cada artigo ou notícia faz-me retornar aos mitológicos tempos de sócio ativo do Clube, quando a cada fim de semana vivia um sonho maior e melhor, nas mágicas paredes rochosas ou nos caminhos úmidos de nossos parques e florestas. Muito obrigado pela remessa.

muito bem vindas. É só me encontrar nas reuniões sociais do CERJ as quintas ou mande um mail: jwaldecy@uol.com.br

Waldecy Mathias Lucena

ridade, é que no futuro vocês, hoje jovens, não venham com esse mesmo discurso saudosista e possam então afirmar com muito orgulho: "a geração passada tentou acabar com o Parque mas nós o recuperamos!"

Trecho de um email de Cristiano Requião postado na lista da FEMERJ



Casa do Alpinista
Rua da Matriz, 10 - Botafogo
Telefones: 2286.9564 e 2537.2594

Fiquei triste com a morte do Thiers e faço minhas as palavras do Vavá, outro inesquecível amigo de tantas escaladas.

Com que emoção li os nomes do Rodolfo, Pellegrine, Carrozino, Claudinho, Lourdes, Mincheti, Aguiar e Marise, aos quais acrescento o Bahia, Zé Luís, Paulo Boaventura, Russo, Guilherme, Léia, Laura, Garrido, Miriam, meu queridíssimo Salomyth, e tantos e tantos outros que através dos anos lutaram e engrandeceram esse Clube cuja sede, já escrevi isto em boletim de outrora, não se limita aos poucos metros quadrados desse conjunto, mas se estende aos milhões de quilômetros quadrados que contêm todas as montanhas, florestas, cerrados, pantanais, caatingas, rios, vales e céus do planeta Terra. O CERJ é apenas a porta de entrada, o umbral, que nos transporta magicamente a uma esfera superior, na qual o espírito se completa e se realiza completamente, nos infinitos limites da natureza.

Graças a Deus tenho o privilégio de ser sócio de CERJ e presenciar o milagre da integração completa, alma e espírito, nos mais profundos recônditos deste planeta azul.

No mês de janeiro deste ano, em viagem para João Pessoa, passei dois dias em Pedra Azul, e

pude rever Forno de Bolo e Pedra Grande Almenara, duas magníficas montanhas cujos cumes atingimos nos distantes anos de 1974 e 1975. Tirei várias fotos, que mandarei para vocês. Felizmente, no pequeno vilarejo de Pedra Grande, ainda existem pessoas que se recordam da conquista, até dos nomes de alguns, principalmente do Garrido, que fez história no lugar.

Em julho deste ano, a convite do Ministério da Marinha, estive na Base Brasileira Comandante Ferraz, na Antártida, e foi uma viagem extraordinária. Na primeira oportunidade, darei um pulo ao Clube, para mostrar as fotos.

Por favor, se for possível enviem-me o endereço e telefone da Cida, pois fiquei sabendo, pelo Boletim, que ela está morando em Brasília. Como tenho feito muitas caminhadas por aqui, talvez ela queira fundar uma filial do CERJ no Planalto Central.

Um grande abraço para todos os montanhistas, os que conheci e os que não conheço, mas que considero meus amigos, do companheiro

Cláudio Leuzinger.

PROGRAMAÇÃO

DATA	ATIVIDADE	TIPO	RESPONSÁVEL
22/11	Aniversariantes de novembro (sede do CERJ)	recreativa	Claudia
24/11	13 Picos (PARNA Tijuca)	caminhada pesada	JP
29/11	Reunião da Assembléia Geral (sede do CERJ)	-	-
29/11	Reunião do Conselho Deliberativo (sede do CERJ)	-	Eduardo Marcell
08/12	Passagem da Neblina (PARNA Serra dos Órgãos)	caminhada pesada com rapel	Zé e Jana
13/12	Festa de Natal (sede do CERJ)	recreativa	Claudia
13/12	Aniversariantes de dezembro (sede do CERJ)	recreativa	Claudia
15/12	Pedra da Gávea (PARNA Tijuca)	caminhada semi-pesada com escalada	Jana e Zé
20/01	Aniversário do CERJ (Cabanas do Assu)	Recreativa com caminhadas	-

A programação pode ser alterada a critério da Diretoria Técnica ou da Diretoria Social.

Compareça ao CERJ e consulte o quadro de atividades, ou consulte a página do CERJ, o endereço é www.cerj.org.br

Para participar das excursões, inscreva-se na sede do CERJ.

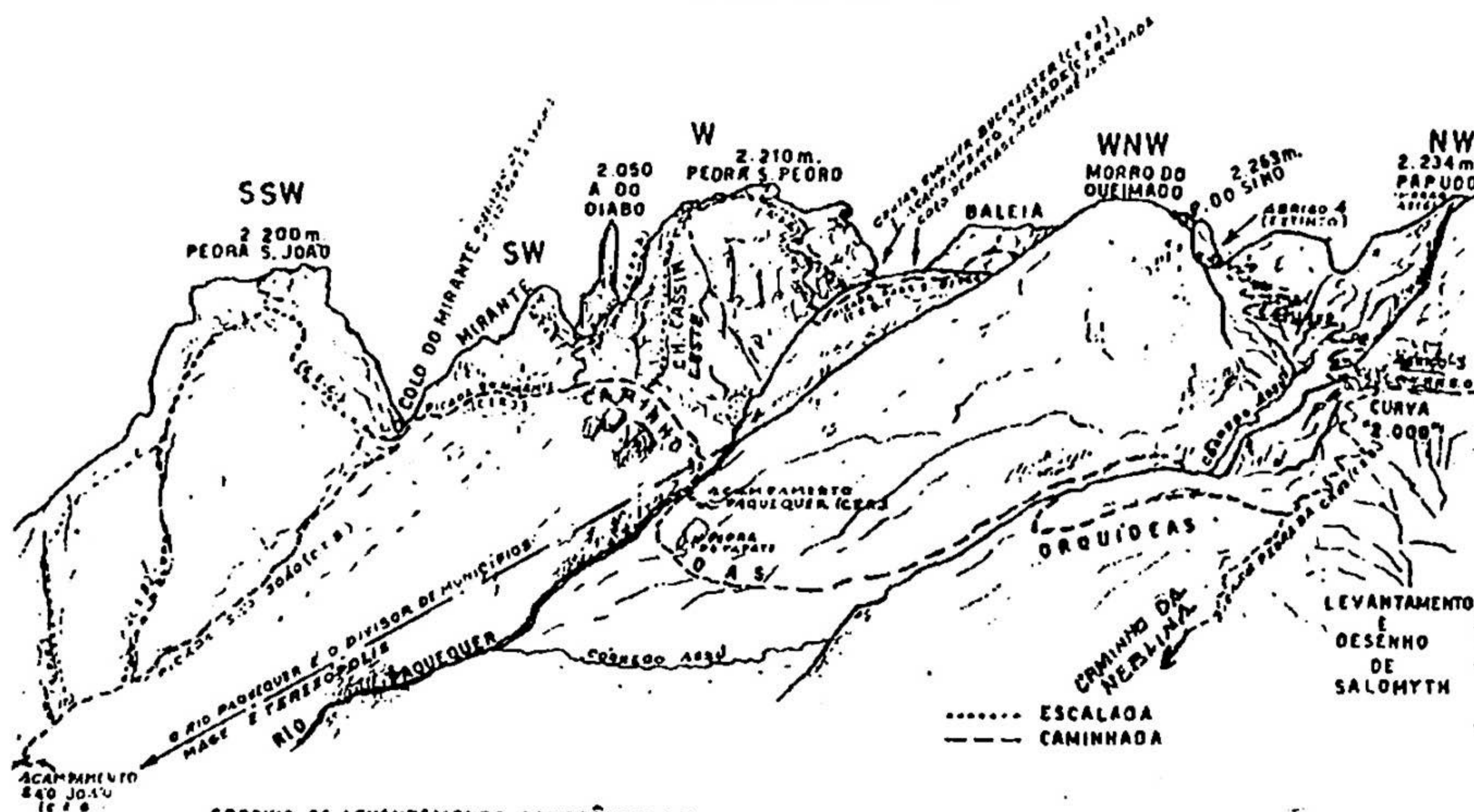
**29 de NOVEMBRO
ELEIÇÃO DA NOVA DIRETORIA DO CERJ**

DESTINATÁRIO

MANOEL ROTHIER DO AMARAL
JUNIOR
R. Capanema, 236 / 202 - FUNDOS
TAUA - ILHA
21920-070 RIO DE JANEIRO (RJ)

IMPRESSO

PLANTA DE SITUAÇÃO DO CAMINHO DAS ORQUÍDEAS



CROQUIS DE LEVANTAMENTO PANORÂMICO (PARCIAL) DA CADEIA DE MONTANHAS QUE FORMAM A BACIA DAS NASCENTES DO RIO PAQUEQUER, TENDO EM VISTA, ASSINALAR A NOVA VIA DE ACESSO DO "2.000" AO "MIRANTE" - DENOMINADO "CAMINHO DAS ORQUÍDEAS" (PRIMAZIA DO C.E.R.J.) EM 4-5/9/1968, SENDO OS SEUS DESBRAVADORES: RAYMUNDO LUIZ MINCHETTI - SALOMYTH FERNANDES - THIERS & ALMEIDA MEIRELES.

ANOTANDO-SE TAMBÉM NESTE CROQUIS A CONQUISTA DA CHAMINÉ RICCARDO CASSIN - C.E.R.J. - FACE LESTE DA PEDRA DE SÃO PEDRO - (P.N.S.D.) - MUNICÍPIO DE MAGÉ - EST. DO RIO - EM 10/9/1966 CONQUISTADORES SALOMYTH FERNANDES - RAYMUNDO LUIZ MINCHETTI - THIERS & ALMEIDA MEIRELES

Salomyth Fernandes

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública estadual pela lei 640 de 17/11/64 (D.O. 01/12/64)

SEDE PRÓPRIA: Av. Rio Branco, 277 / 805 - Edifício São Borja
20047-900 Rio de Janeiro (RJ) BRASIL

TELEFONE: 0XX21-2220.3548

PÁGINA NA INTERNET: <http://www.cerj.org.br>

EMAIL: cerj@cerj.org.br

REUNIÕES SOCIAIS: quintas-feiras à partir das 20:00 horas